



RIO SÃO JOÃO  
O RIO DO POETA

25 a 30 de setembro - Galeria Arte Global - SP. 03 a 07 de outubro - Museu Nacional de Belas Artes - Rio. 10 a 15 de outubro - Museu Casimiro de Abreu - Barra de São João (RJ)



## ERRATA

Pág.	Coluna	Linha	Onde se lê	Leia-se
1	2	8	Iouca	Ipuca
3	1	18	reintegrou	reingressou
3	2	4	de Abreu, à margem da BR - 101,	de Abreu, em 1938. Hoje abrange os distritos de Casimiro de Abreu, à margem da BR - 101,
10	2	5	Os meus campos	Os mesmos campos
10	2	17	de todo os brasileiros	de todos os brasileiros

### BARRA DE SÃO JOÃO, BERÇO DE CASIMIRO DE ABREU

A região onde se situa Barra de São João, a de Cabo Frio, foi onde "nasceu a civilização sul-americana, com o primeiro assaltamento em terra firme, o de Vespúcio, entre dezembro de 1503 e janeiro de 1504"<sup>(1)</sup>

A fim de expulsar definitivamente da região os traficantes de pau-brasil, foi criada a cidade de Cabo Frio, em 1615. Em 1617 os jesuítas fundaram a aldeia de São Pedro, e, pouco após, a sesmaria de Campos Novos, situada entre a referida aldeia e o Rio São João. Em seguida alguns colonos dessa sesmaria se fixam na margem esquerda daquele rio, em cuja barra erigem uma capela, a de São João Batista.

Em meados do século XVIII, no território depois pertencente ao município de Barra de São João, houve outro núcleo de povoação, no local denominado Aldeia Velha. Ali, Frei Francisco Maria Tali formou um povoado de índios guarulhos convertidos, promovido em 1761 a freguesia do distrito de Cabo Frio, com o nome de Sacra Família de Iouca. A essa Freguesia se filiava a capela de S. João Batista, na Barra do Rio São João.

O retorno dos índios às selvas, freqüentes surtos de epidemias e a ruína da igreja local, levaram, em 1801, à transferência da sede da freguesia para a capela de São João Batista, elevada à categoria de paróquia. Em 1811 foi desmembrado de Cabo Frio o município de Macaé, que ia até o Rio São João, abrangendo, pois, o então arraial de Barra de São João, que muito se desen-

volveu na primeira metade do século XIX.

Maximilien, Príncipe de Wied-Neuwied, em 1815 viu "uma povoação com muitas ruas e bastantes boas construções, no estilo da região". No rio estavam ancorados cinco a seis brigues e um ferreiro inglês informou-o que navios de sua pátria já haviam ali aportado. Maximilien notou a fertilidade das terras a montante do rio, fato também remarcado por St. Hilaire, que assinalou alguns engenhos de cana nos arredores da aldeia, classificada como "um entreposto comercial de madeira, bem considerável. Os proprietários ribeirinhos derrubam e serram as árvores melhores e vendem as tábuas a negociantes de São João, que as expedem para o Rio de Janeiro."

Dentre esses se incluía o pai de Casimiro, José Joaquim Marques d'Abreu, proprietário do



imóvel conhecido por Trapiche - hoje, Casa de Casimiro de Abreu - onde ocupava a ala lateral direita como moradia. Ali nasceu, a 4 de janeiro de 1839, seu segundo filho com a viúva Luísa Joaquina das Neves: Casimiro, cuja infância foi fortemente marcada pela singela e notável beleza das paisagens de Barra, tão exaltada em suas poesias. Beleza que inspirou artistas como Pançetti e que está fixada nas poéticas fotos de Armando Rosário.

O arraial de Barra crescia e, em 1846, foi elevado à categoria de vila, sede de município, cuja efetivação, porém, só ocorreu em setembro de 1859. Casimiro de Abreu, após estudar em Friburgo dos 10 aos 13 anos, trabalhou no comércio da capital do Império, esteve em Lisboa dos 15 aos 18 anos, onde viu publicados seus primeiros trabalhos em poesia, prosa e teatro, reintegrou na casa comercial em que trabalhava no Rio e, com 20 anos apenas, no mesmo mês de setembro de 1859, viu publicado seu único livro: As Primaveras.

Faleceu o poeta, vítima de tuberculose, um ano após, a 18 de outubro de 1860, na fazenda de Indaiáçu, que herdara do pai, no Município de Barra de São João, estando seu túmulo no pitoresco cemitério, a cavaleiro do mar, atrás da Igreja de São João Batista.

A Fazenda de Indaiáçu foi o núcleo do povoado de mesmo nome, que teve o crescimento garantido por ser estação da E.F. Leopoldina. Barra de São João, com a abolição da escravidão, sofreu um forte declínio em sua atividade agrícola, disso decorrendo que, em 1925, In-

daiáçu - então rebatizada Casimiro de Abreu - assumisse a posição de sede do município. Este teve também seu nome alterado para Casimiro de Abreu, à margem da BR-101, Barra de São João e Rio das Ostras, litorâneos. Situa-se, na orla marinha, entre os municípios de Cabo Frio, com o qual se limita pelo Rio São João e Macaé. Muito longe, pois, de São João da Barra, na foz do Rio Paraíba, com a qual Barra de São João é frequentemente confundida.

Enquanto seu município decaía economicamente, Casimiro crescia literariamente: apesar do curto período de produção, as edições de sua obra, no Brasil e em Portugal, ascendem a uma centena. Mas, felizmente subsiste a Barra de São João que Casimiro tanto amou: "a vila encantadora, modesta e simples como uma flor das montanhas", com "um céu todo azul... e um mar que soletrava nas praias o seu poema de amor"<sup>(2)</sup>, com seus vetustos casarões coloniais do início do século XIX, seu rio - "manso como um lago" - ainda freqüentado por camarões, robalos, carangueijos, garças, jacarés, capivaras.

Se, como muito bem escreveu Carlos Drummond de Andrade, "Casimiro é patrimônio emocional do País, vamos acarinhá-lo na lembrança", devemos fazê-lo também com o ambiente físico e ecológico em que ele viveu. Por isso, é da maior oportunidade a iniciativa dos promotores desta exposição, em homenagem ao berço do mais popular de nossos poetas.

Paulo Parda - Diretor da Casa de Casimiro de Abreu  
Fundação Estadual de Museus do Rio de Janeiro.

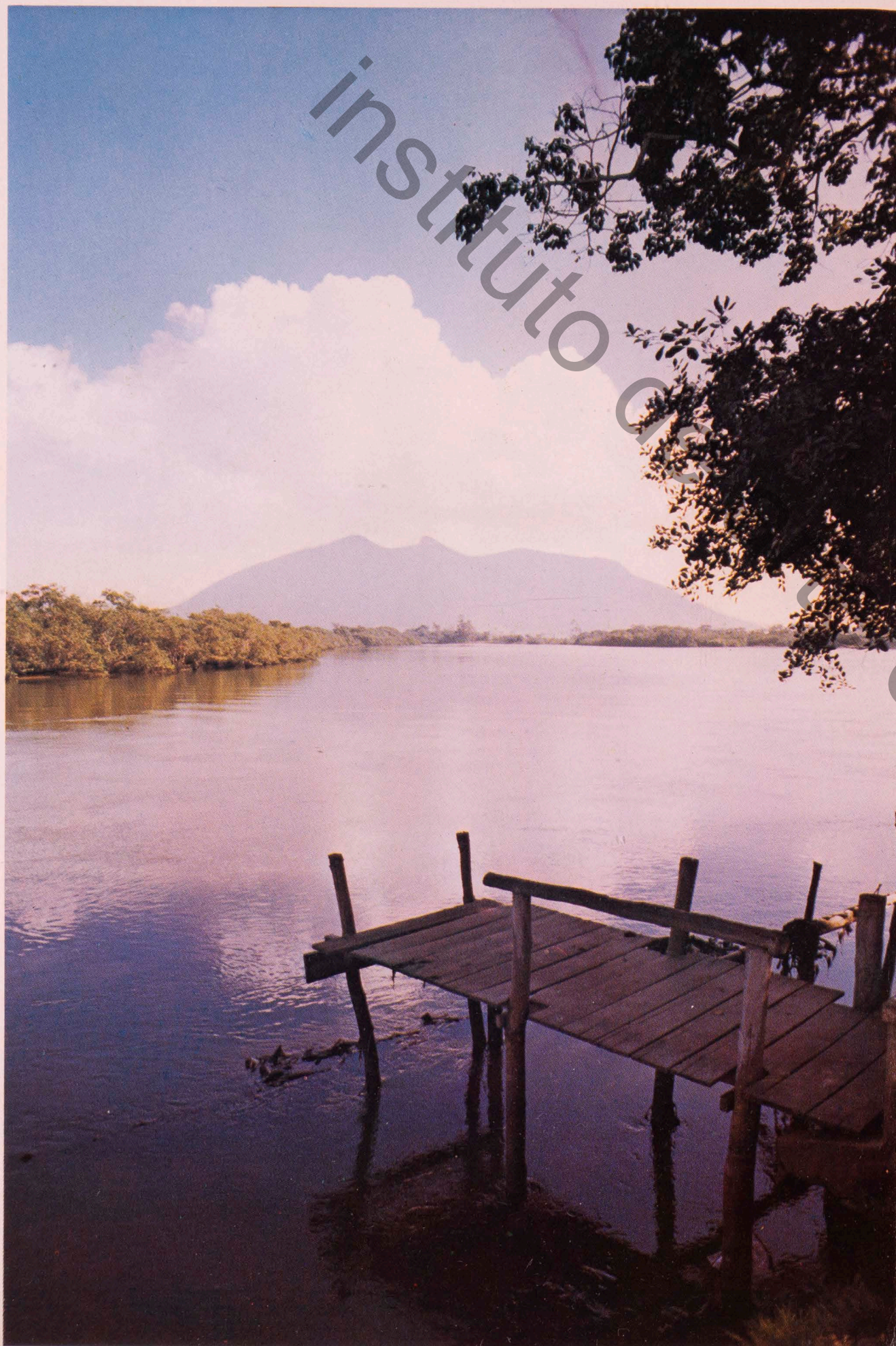
(2) No Álbum de Figueiredo, Casimiro de Abreu, Rio, 20/10/1858.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE  
O RIO, OS PESCADORES, A MORTE.

Quando me contaram que o Rio São João está ameaçado de receber, a partir de agosto, os resíduos de uma fábrica de álcool anidro, que tornarão impossível a vida animal e a vegetal no seu curso, meu primeiro pensamento não foi para peixes e plantas, foi para Casimiro de Abreu. Pobre vate! Nem morto lhe dão descanso. Vão transformar em cemitério líquido o cenário remansoso de sua infância. A casa em que nasceu o poeta, e que é hoje um lindo museu, meninados-olhos de Paulo Pardal, chegava até a barranca das águas hoje destinadas ao escoamento do vinhoto, palavra que não encontrei no dicionário mas que pode ser substituída genericamente pelo sinônimo: veneno.

Sim, senhores, veneno. Sujando a correnteza, impedindo a penetração dos raios solares e eliminando oxigênio, o vinhoto será um agente letal. Tratado quimicamente, serviria até de ração ou adubo, mas a possibilidade de sua utilização não interessou à empresa produtora de álcool, que preferiu lançá-lo ao rio, sem tratamento e sem despesa. Dois mil pescadores, à margem do São João, aguardam impotentes a morte do rio, em nome do falso desenvolvimento econômico. Dois mil... 50 quilômetros de litoral, de Macaé a Cabo Frio, com suas praias turísticas, sua gente trabalhadora, sua organização social, serão sacrificados à conveniência de maior lucro para os fabricantes de álcool anidro.

Até nem sei por que estou registrando esse fato corriqueiro na vida brasileira de hoje. Mais um rio poluído — e daí? Não é o que vai acontecendo a todos eles, quando têm a má sorte de banhar regiões onde se implantam indústrias sem a preocupação de defender o meio-ambiente? O país está sofrendo de industrialite, praga que traz consigo a riqueza (uma riqueza de benefícios bem mal distribuídos) e a deterioração do quadro natural da vida, sem possibilidade de remissão. É, eu sei, existem órgãos incumbidos de impedir que isso aconteça, e de remediar quando lamentavelmente acontece. Sabe-se, porém, que não são os mais fortes nem os mais aparelhados, na luta em favor da natureza e do ser humano, agredidos pela mentalidade de lucro a todo transe. Sabe-se que a decisão contrária à deservoltura de um grupo econômico esbarra com embaraços burocráticos e orientações desenvolvimentistas, cegas ao malefício social que certos projetos trazem na sua cauda. Quem sai perdendo, em geral, é a natureza, é o homem. E vitoriosa é a concepção do rendimento, da fonte de imposto, do emprego multiplicado, embora à custa da própria sobrevivência dos que conseguem emprego — para quê? Para que tenham uma existência garantida e triste, mais alimentada pelas ilusões da novela de TV e do futebol do que por uma razoável mediania.



As diferentes formas de degradação do ambiente desenvolvem-se, o aniquilamento de espécies animais e vegetais prossegue, até com requintes bárbaros (como se viu agora, em que a preservação da saúde do rebanho de porcos deu ensejo a um terrível espetáculo de selvageria inútil) — e temos de aceitar as explicações, as justificações baseadas no interesse da renda nacional ou da insuficiência dos serviços de fiscalização por falta de verbas... uma falta sempre constante, muito embora cada vez mais se arrecadem tributos das empresas fiscalizadas.

Tudo isso é chato de dizer e de ouvir, tudo é sabido e fica logo esquecido. Que fazer? Reclamar das autoridades é pouco; de nós mesmos, talvez? Falta educação popular, falta o que se entendeu chamar de conscientização?

Alguma coisa está escasseando dentro de nós, que não temos disposição para corrigir, nos limites de nossa pequena área individual, o defeito de omissão ou comodismo, mesmo sabendo que com ele estamos contribuindo para agravar as condições gerais de vida?



Conclusão feita de perguntas não é conclusão. Mas resta a impressão de que, para exigir do Governo o cumprimento mais positivo de suas obrigações sociais, devemos também exigir de nós mesmos o funcionamento do nosso espírito público, do nosso sentimento de comunidade. Como fez agora esse fotógrafo Armando Rosário, nascido em Hong-Kong, filho de um chinês-português e de uma francesa, amante das doces praias de pescadores do Rio São João. Vivendo a vida desses homens simples e indefesos, sentiu aproximar-se o perigo que vai desabar sobre as águas, e botou a boca no mundo. Sua campanha começa a ocupar a atenção dos grandes jornais. Que ela sensibilize a população e salve o rio, ameaçado de morrer como habitat, natural, é o que a gente deseja. De qualquer modo, vale como exemplo. A defesa da Terra começa no interior de cada um de nós, como se aperta um botão de luz.



CASIMIRO DE ABREU  
DESENHO DE LULLY DE CARVALHO

### CANÇÃO DO EXÍLIO

Oh! mon pays sera mes amours  
Toujours.

CHATEAUBRIAND.

Eu nasci além dos mares:  
Os meus lares,  
Meus amores ficam lá!  
— Onde canta nos retiros  
Seus suspiros,  
Suspiros o sabiá!

Oh! que céu, que terra aquela,  
Rica e bela  
Como o céu de claro anil!  
Que seiva, que luz, que galas,  
Não exalas,  
Não exalas, meu Brasil!

Oh! que saudades tamanhas  
Das montanhas,  
Daqueles campos natais!  
Daquele céu de safira  
Que se mira,  
Que se mira nos cristais!

Não amo a terra do exílio,  
Sou bom filho,  
Quero a pátria, o meu país,  
Quero a terra das mangueiras  
E as palmeiras,  
E as palmeiras tão gentis!

Como a ave dos palmares  
Pelos ares  
Fugindo do caçador;  
Eu vivo longe do ninho,  
Sem carinho,  
Sem carinho e sem amor!

Debalde eu olho e procuro...  
Tudo escuro  
Só vejo em roda de mim!  
Falta a luz do lar paterno  
Doce e terno,  
Doce e terno para mim.

Distante do solo amado  
— Desterrado.  
A vida não é feliz.  
Nessa eterna primavera  
Quem me dera,  
Quem me dera o meu país!

Lisboa — 1855.

instituto de arte  
temporária

Casa de Casimiro de Abreu



## BARRA POÉTICA

Otto Lara Resende

Tendo chegado ao Brasil alguns anos depois de esgotado na Europa, o Romantismo manteve aqui alguns dos seus cacoeiros originais, como foi, por exemplo, o culto da natureza. Na escola e na escala românticas, a Natureza (com maiúscula) é mais que amiga: é a franciscana Irmã Natureza, a partir do princípio que Rousseau formulou e vulgarizou, com o bom selvagem posto em sossego e inocência numa paisagem que desconhece o mal.

Rousseau morreu há duzentos anos e, por mais profeta que fosse, e foi, dos tempos modernos, jamais poderia passar pela sua cabeça o que viriam a ser as relações do homem com essa mesma natureza fraterna e maternal. Na verdade, como está patente neste ano do bicentário de J. J. Rousseau, declarou-se uma guerra entre o homem e o meio em que vive. Ao homem, que pode nascer mau e até péssimo, coube a iniciativa dessa guerra suja.

Nascido no mesmo ano de Machado de Assis, em 1839, o nosso Casimiro de Abreu chegou a tempo de conhecer a natureza se não em estado edênico, ao menos em estado bastante preservado. O destino depositou-o na barra leve do rio São João, num sítio privilegiado, que o seu pai terá escolhido por critério mais largo do que o propriamente pragmático. Comerciante de profissão, o pai de Casimiro vivia ali, entre rio e mar, no cenário perfeito para os primeiros vãos de um poeta romântico.

Aos quatorze anos, em 1853, Casimiro viajou para Lisboa, onde ficou por quatro anos. Filho de pai português e mãe brasileira, nascido num berço entre água doce e água salgada, o poeta estava fatalmente comprometido com a veia lírica, a vertente de um lirismo que impregna toda a tradição poética luso-brasileira. Menino, Casimiro vive entre o Brasil e Portugal; adolescente, vive entre a montanha e o mar. Depressa, romanticamente, como pedia o código da moda, Casimiro passa fugaz pela vida; morre cedo, aos vinte e um anos. A tuberculose, debilitada mais ao Romantismo do que ao bacilo de Kock, leva-o à maioridade e à morte.

Mas Casimiro de Abreu encontra tempo suficiente para ter saudades. Exaure-se em saudades, inclusive de amores imaginários. Amor e medo se misturam no coração desse frágil mártir de bons sentimentos. Sua própria vida é oferecida em holocausto à Poesia, isto é, à criação, ao ato criador e, portanto, como convinha às suas concepções, também à Natureza. Seu único livro de versos, publicado em 1857, traz o título de "As Primaveras". A um passo da morte prematura, o poeta era todo primaveril.

Essa primavera de flores e amores acertou na mosca da sensibilidade brasileira: os versos de Casimiro são talvez os mais populares de nossa língua e do seu livro tiraram-se mais edições do que o de qualquer outro poeta. Sua musa ingênua e sentimental está povoada de campinas e de cachoeiras, sobre as quais voam, ligeiras, borboletas azuis. Sua terra natal, por que suspira em cada estrofe, é o país das flores, cuja praias ele beija "todo em choro":

"Eis meu lar, minha casa, meus amores,  
A terra onde nasci, meu teto amigo,  
A gruta, a sombra, a solidão, o rio,  
Onde o amor me nasceu - cresceu comigo.

Os meus campos que eu deixei criança,  
Árvore novas... tanta flor no prado!...  
Oh! como és linda, minha terra d'alma,  
— Noiva enfeitada para o seu noivado!"

Como o próprio poeta reclama nesse poema No lar, ele queria amor, queria vida. O destino não lhe deu uma coisa nem outra; deu-lhe a morte, em plena "risonha manhã", quando o mar é lago sereno, o céu é muito azulado e o mundo é um sonho dourado. Aqui já estamos na fluvial fluência do mais famoso de seus poemas - "Meus Oito Anos", que tem eco inextinguível nos ouvidos de todo os brasileiros. Ufanistas ou não, saudosistas ou não, voltados ou não para a infância e para a sua ressurreição, todos sonhamos ao menos um dia com o céu bordado de estrelas e com a terra de aromas cheia:

"Oh! que saudades que tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da minha infância querida  
Que os anos não trazem mais!  
— Que amor, que sonhos, que flores,  
Naquelas tardes fagueiras  
À sombra das bananeiras,  
Debaixo dos laranjais!"

É essa pátria de sonho e realidade, poética, que aqui está visível, graças ao milagre do pincel de Pancetti e da câmara de Armando Rosário. Sou insuspeito para falar, porque sou amigo de ambos. Conheci e frequentei Pancetti, sua arte reveladora, criadora e preservadora de beleza; também da beleza natural, como é o caso da sua série de telas do Rio São João.

O mesmo rio corre tranqüilo e indene nas fotografias desse mestre fotógrafo que é Armando Rosário. Encontrei-o e admirei-o assim que chegou ao Brasil. Rosário veio de longe, do outro lado do mundo, da China, de Macau, para aqui nos descobrir o que, por amor do belo, deve permanecer intacto. Como Casimiro, Rosário tem sangue português. Ao contrário de Casimiro, sua arte não se derrama para além de uma disciplina que lhe é essencial ao equilíbrio. Numa vida curta, o poeta romântico juntou as duas margens do Atlântico na mesma sensibilidade. Numa vida que desejamos chinesmente longa, o fotógrafo realista traz na sua refinada sensibilidade os dois extremos do mundo.

Poeta, pintor e fotógrafo se encontram e aqui desaguam no mesmo rio São João, para celebrar a natureza e ensinar-nos a todos nós, maus selvagens, que a vida é bela: que a barra só é pesada quando não as respeitamos, à vida e à natureza. Há mais de um século, perguntava Casimiro:

"Que pode haver maior do que o oceano,  
Ou que seja mais forte do que o vento?"

O poeta pensava em Deus. Também nós somos livres de dar essa resposta. Maior do que o oceano, mais forte do que o vento, é também, infelizmente, o poder destruidor do homem, quando, ao contrário do poeta, do pintor e do fotógrafo, não respeita a vida.



### ARMANDO ROSÁRIO - BIOGRAFIA

Nasceu em Hong Kong, em 1931. Seu pai, um sino-português, sua mãe, francesa, seu passaporte, português, seu coração, brasileiro, seu filho, seu filho também.

De 1936 a 1948, estudou no St. Mary's School (Hong Kong), St. Luiz Gonzaga College (Macau) e La Salle College (Hong Kong).

Possui fotos nos arquivos de diversas agências, no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no MASP, nos acervos de galerias de Nova Iorque e em coleções particulares no Brasil e no exterior.

- 1948 - Exames na LCE - London University.
- 1950 - Curso em Photo Art Center (Hong Kong).
- 1950-54 - Reportagens publicadas nos Estados Unidos, Hong Kong e Europa.
- 1955 - Chega ao Brasil em janeiro.
- 1955-60 - Fotos de sua autoria são publicadas por Bloch Editores, Globe Photos (Nova Iorque), na revista Life e no livro "Rio", de Hans Mann.
- Fotos publicadas na revista Senhor (Rio), Almanaque (Lisboa) e Paris Match (Paris).
- Reportagens para Globe Photos.
- Fotos para Enciclopédia Britânica, revista Cláudia (SP), e Jornal do Brasil.
- 1965-68 - Fotos publicadas em Quatro Rodas, Bloch Editores.
- Exposição no Clube dos Diretores de Arte (Rio), coletiva.
- Conselheiro da AIAP e membro do júri Biennale de Paris.
- 1969 - Fotos Still para Cinema.
- 1970-72 - Laboratório de fotoacabamento para profissionais (Capa fotos - Rio).
- 1973-74 - Photographi Workshop National Geographic Magazine (Rio).
- Sócio-fundador e secretário-geral da Photo Galeria.
- Exposições da Photo Galeria na Tora (Rio), Galeria Bonfiglioli (SP), Museu Nacional de Belas Artes (Rio) e Galeria IBAM (Rio).
- Fotos publicadas em revista Cláudia, Quatro Rodas e Realidade.
- Conferência na Escola Americana (Rio) sobre Direitos Autorais do Fotógrafo.
- 1975-76 - Documentação para audiovisual - Portugal (Lisboa).
- Documentação para audiovisual - Mo-bral (Rio).
- Imagem na Imprensa Brasileira - ABI (Rio), coletiva.
- Tendências - Exposição MASP (SP).
- 1977 - Sócio-fundador da AGRAF (SP).
- Documentação para Engevix (SP).
- 1978 - Pesquisa e documentação para Campanha de Defesa do Rio São João.



PANCETTI: Marinha  
Óleo sobre tela: 44 x 63 cm  
Proprietário: Carlos Perry



PANCETTI: Marinha  
Óleo sobre tela: 44 x 63 cm  
Proprietário: Jayme Bastian Pinto

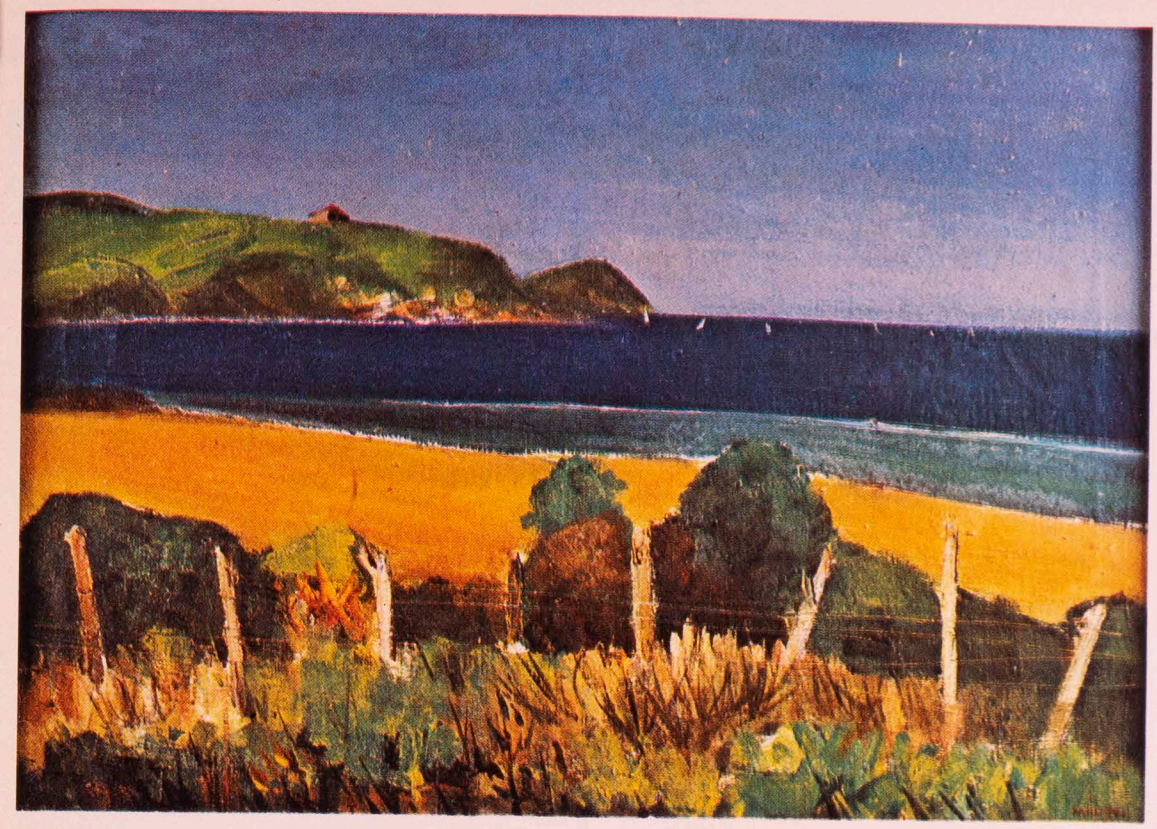


PANCETTI: Rio São João - Série Casimiro de Abreu  
Óleo sobre tela: 54 x 65 cm  
Proprietário: Márcio Porto





PANCETTI: Casario  
Óleo sobre tela: 43,5 x 53 cm  
Proprietário: Jayme Bastian Pinto



PANCETTI: Marinha  
Óleo sobre tela: 42 x 62,5 cm  
Proprietário: Jayme Bastian Pinto



PANCETTI: Marinha  
Óleo sobre tela: 53 x 73 cm  
Proprietário: Ialdy Reis dos Santos



PANCETTI: Igreja e o cemitério da Barra de São João  
Óleo sobre tela: 80 x 100 cm  
Proprietário: Ialdy Reis dos Santos



PANCETTI: Cemitério e igreja  
da Barra de São João  
Óleo sobre tela: 52 x 63,5 cm.  
Proprietário: Leonídio Ribeiro

contemporânea

Exposição "Rio São João, O Rio do Poeta"

25 a 30 de setembro  
Galeria Arte Global - SP

03 a 07 de outubro  
Museu Nacional de Belas Artes - Rio

10 a 15 de outubro  
Museu Casimiro de Abreu - Barra de São João (RJ)

Iniciativa cultural de



REDE GLOBO

e

Comind

Uma grande instituição se revela nas suas atitudes

instituto de arte contemporânea